



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

TESSITURAS DE UMA VIDA INFAME: JOANA PRETA COMO PROTAGONISTA DO FAROL EM OLIVEDOS – PARAÍBA

Rozeane Porto Diniz

Universidade Estadual da Paraíba/Universidade Federal da Paraíba

rozeane_porto@yahoo.com.br

Resumo

Trata-se da tessitura de fios que entrelaçam a vivência de Joana Preta enquanto protagonista de um espaço conhecido por Farol em Olivedos entre as décadas de 1940 e 1970. O Farol configurado enquanto Cabaré acabou por estigmatizar Joana como prostituta por suas práticas da sexualidade, mas, também por ser negra. Sendo a imagem de Joana Preta aquela que se quis construir com sensação de pertencimento atrelada a suas práticas da sexualidade. Através de entrevistas, ou seja, da oralidade é construída um história possível sobre Joana Francelino de Lima representada por Joana Preta. Tentando problematizar e através da operação historiográfica compreender as tramas que fizeram com que Joana fosse configurada como infame.

Palavras- Chave: Farol; Preta; Sexualidade.

Introdução

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com um poder que mais não quis que aniquilá-las, ou pelo menos, apagá-las, vidas que a nós não tornam a não ser pelo efeito de múltiplos acasos (...) (FOUCAULT, 2003, p. 210).

Homens e mulheres tidos como infames têm sua existência obscurecida e só a partir de seu encontro e/ou desencontro com poderes instituídos é que os percebemos por vezes compondo histórias. Nesse artigo discuto a representação de Joana enquanto protagonista de um espaço conhecido como Farol de Joana Preta e que funcionou em Olivedos da década de 1940-1970. Compreendendo que a existência de “Joana Preta” passa por um processo de visibilidade e/ou invisibilidade que envolve as tramas e relações dentro do espaço que tinha o nome de Farol e, portanto, que a existência social não só de Joan mas, também do Farol se dá a partir do momento que o espaço é configurado de “Cabaré ou Farol de Joana Preta.”



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Quando falo de visibilidade e invisibilidade, penso primeiro na definição mais superficial que está no *Dicionário Aurélio* (1999, p. 2079), “visibilidade” significa “caráter do que é visível”, aspecto reiterado pelo *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (1994, p. 825), a mesma é significada como “ver” e, conseqüentemente, no mesmo dicionário o significado de “ver” é “conhecer ou perceber pela visão” (1994, p. 815), delimitando um pouco a ideia de visibilidade ao que é percebido e observado a partir da visão, porém não especificando se está tratando de algo visto subjetiva, ou objetivamente.

De acordo com Albuquerque Júnior,

quando falamos em visibilidade e dizibilidade, falamos da emergência de novos conceitos, novos temas, novos objetos, figuras, imagens, que permitem ver e falar de forma diferenciada (...) que colocam novos problemas, que, por sua vez, (...) iluminam novas dimensões da trama histórica, da rede de relações que compõem a trama do espaço (1999, p. 24)

Portanto, não é só a fala dos sujeitos históricos dessa pesquisa, mas a própria atitude da protagonista do Farol que constroem novos fios da tessitura histórica através de uma dupla visibilidade: a representada na fala de Joana e nas falas dos demais entrevistados.

Me aproprio desses discursos e/ou definições para compreender as múltiplas subjetividades de Joana a partir de sua protagonização do Farol.

A representação de Joana Preta

Joana Francelino de Lima, nascida aos vinte e três de maio de 1926 no povoado de São Francisco, hoje Município de Olivedos-PB, viveu grande parte de sua vida com dificuldades financeiras e junto com sua mãe “Maria Loiceira”¹ vivia de fazer panelas de barro para sobreviver numa família de muitos filhos, tendo que ajudar a mãe a criar os quatro irmãos. Chegou às vias escolares, mas apenas de passagem, não sendo completamente alfabetizada teve que conciliar por pouco tempo a escola e a venda de mercadorias de forma ambulante, rodeando toda a região de São Francisco.²

¹ Maria Louceira sua mãe recebeu este apelido em função das panelas que fabricava artesanalmente e que eram conhecidas popularmente de louças.

² Nome do Município de Olivedos quando ainda era Distrito.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em determinado momento da vida, Joana passou a se inscrever e ser inscrita enquanto “Joana Preta,” o que é representativo e firma uma subjetividade, não sei se sensual como “Otilia-Gabriela³,” mas, com certeza, transgressora. Compreendendo que “a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação”. Sendo assim “a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social” (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 31). Compreendo que essa subjetividade firmada por Joana e por outros que a inscrevem enquanto “Joana Preta,” uma vez que os entrevistados a nomeiam assim, sem conhecimento de seu nome de registro, esse processo de subjetivação não é centrado, mas, descentrado em relação ao processo de individuação, uma vez que, outras subjetividades lhe foram atribuídas em vários momentos pelos entrevistados: “comerciante”, “mulher da vida”, “Joana Preta”, dentre outras que não vão ser discutidas aqui.

É interessante ainda que Joana se utilizou dessa subjetivação como uma arte da trampolinagem que em determinados momentos lhe foi útil e de muita ousadia, como no caso do “Baile dos Mateus,” festividade que ocorria na década de 1960 em Olivedos e onde só negros deveriam entrar e que era comandado por Cícero Mateus, porém algumas vezes Joana o auxiliava. Entendo trampolinagem a partir de Certeau:

define-se como trampolinagem, palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de pular do trampolim, e como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais. Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, (...)” (1994, p. 79)

Ou seja, no momento que lhe foi conveniente se inscrever enquanto Preta, Joana o fez, compreendendo que dessa forma estava driblando contratos sociais, como no caso do Baile, já que era uma festividade onde os “pretos” é que mandavam, diante das poucas situações e ou momentos onde os pretos dominavam o cenário em Olivedos. Perceba de que forma Joana relata uma das vezes que o senhor Cícero Mateus pediu que ela tomasse conta do forró, demonstração de socialização entre os negros do lugar, já que questionada sobre sua relação

³ Prostituta profissional a qual Rago faz uma escrita de si no livro *A Aventura de Contar-se* (2013).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

com Cícero, Joana afirmou “era nadinha”, ou seja que não havia nenhuma relação de parentesco.

era o bale dos Mateus, ai mnha fia ele dizia num deixe ninguém entrar Dona Joana, eu dizia pode ir eu num deixo não, aí quando defê chegava uns galegão todo arrumado, todo cheroso, Dona a senhora deixa eu entrar, eu digo o senhor já comprou a ficha? apoi o senhor se aguarde ai que o moreno foi ali e disse que já vinha quele num mim tregou a ficha e o senhor espere aí um pouco quando defê tava uma fila, tudo galego pá entrar.⁴

Nessa fala percebe-se uma sensação de contentamento de Joana ao retratar que as pessoas brancas, as quais ela chama aqui de “galegão” ficavam esperando Cícero Mateus voltar para ordenar a entrada ou não do indivíduo e em pouco tempo a fila se formava, demonstrando que era uma festividade por muitos desejada, inclusive segundo Joana pelos brancos que queriam freqüentar, mesmo sabendo que teriam que se assumir enquanto pretos.

Outra entrevistada que prefiro não identificar, vou chamar aqui de “Mariazinha” se refere a situação de segregação racial provocada pela existência dos dois forrós: “era uma coisa muito séria, antigamente as coisa era, tinha moral, era pra vista de hoje tinha moral era um respeito danado.”⁵ Percebe-se como essa fala legítima a segregação das duas festividades. A entrevistada relata que como era branca freqüentava o “Forró de Anchieta” e chegou a dançar lá muitas vezes, inclusive com o marido. Trata-se de um casal da alta sociedade, que compreende que de fato negros e brancos não deviam se misturar, desvelando de forma clara o preconceito. Ao ser questionada sobre Joana ter sofrido preconceito a entrevistada diz que não tinha conhecimento. No entanto, relata que seus pais nunca souberam que ela freqüentava aquele espaço, uma vez que não aceitariam. Ou seja, seus freqüentadores e freqüentadoras viviam na surdina, com medo dos olhos morais e atentos dos pais, familiares e da sociedade.

O senhor “X” disse ter freqüentado os dois forrós, o “Baile dos Mateus” e o “Forró de Anchieta”, esse era conhecido como o forró dos brancos, onde os negros não deveriam entrar ele traz uma versão interessante e um tanto diferente sobre a vivência da festividade,

fórró dos nego, branco num entrava lá não que o nego vei, o dono do fórró butava tudo prá fora, ele danava o grito eita meu Deus do céu, quem pode mais do que Jesus, só Nossa Senhora, branco aqui num entra branco vai caçar pra lá, vai lá João Borges, aqui é só dos negos, que nego é da parte do Diabo⁶

⁴ Joana Francelino de Lima. Entrevista a autora em 01/08/2009.

⁵ Mariazinha. Entrevista a autora em 10/02/2015.

⁶ “X”. Entrevista a autora em 10/02/2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Na verdade uma parte da família de sobrenome Borges morava próximo ao “Forró de Anchieta”, por isso ele cita que o senhor Cícero Mateus mandava que os brancos fossem naquela direção. Mas o que é curioso é que no discurso de “X” há bordões, ele cita um deles acima, que compara o negro ao Diabo, aquela imagem eurocêntrica do Diabo e do inferno que representa o preto, a escuridão, que é representada pelo cinema, inclusive no que tange aos filmes bíblicos, nas novelas e até em desenhos animados e que só é quebrada por filmes como o Alto da Compadecida, onde Jesus aparece representado por um negro e Nossa Senhora de Aparecida, branca. Bem, posso compreender que Cícero Mateus, segundo a fala de “X” se utilizou desse discurso como uma arte da trampolinagem ou mesmo como uma atualização e introspecção de um discurso do preconceito que os próprios negros de Olivedos acabaram legitimando.

Ainda de acordo com o entrevistado para entrar no forró, não bastava como disseram outros entrevistados, apenas se identificar enquanto preto, mas havia uma espécie de vistoria que era a seguinte:

sendo branco num entrava não, ele dizia o seguinte eu só digo que nego se tirar o sapato prá eu vê o calcanhar, quando o caba tirava o sapato o calcanhar dele era de lado assim aí ele disse, todo nego têm o calcanhar pra trás que nem jumento ruim, aqui não, vai dançar lá no outo baile⁷

Neste outro bordão que segundo o entrevistado “X”, o senhor Cícero Mateus se utilizava para deixar que alguém entrasse no forró, estabelece uma espécie de estereótipo para o negro, que o configura como “ruim.” O que aqui pode atribuir inúmeros significados, porém em toda a história do Brasil foi dessa forma maniqueísta que o negro foi visto em relação ao branco. Essa situação é evidenciada se pensarmos na construção da chamada Identidade Nacional, que historicamente foi marcada, quando não pelo apagamento do negro, mas pela sua apresentação sempre como subserviente, eis o mito da “democracia racial,”⁸ não sendo percebido como sujeito histórico e sim como objeto, mercadoria ou na situação de passividade. Como se percebe Joana fazia parte de um universo onde o negro carregava estigmas que era autorizado e inscrito pelos próprios negros. Situação que segundo Gonzáles:

⁷ Idem.

⁸ Para melhor compreensão do mito da democracia racial sugiro a leitura do clássico de Gilberto Freyre (1973)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações mentais sociais que se reforçam e reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra, em particular, desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa. (1979, p. 19)

Ou seja, a participação de Joana no “Baile dos Mateus” como assinala o senhor “X” era tida como natural. Já que eram os espaços reservados as pessoas negras e por ser próxima ao dono do Forró ela ajudava o senhor Cícero Mateus sempre que necessário, além do que era uma festividade que se localizava próxima ao Farol.

Percebe-se que na fala do senhor “X”, bem como do que ele narra sobre Cícero Mateus e “Joana Preta” o lugar dessa mulher negra é naturalizado, como se de fato para Joana só restasse essa saída, a da segregação, da marginalização, como negra, como prostituta, ocupar os lugares mais desvalorizados. Segundo o senhor “X” “Joana ia viver de que”⁹ se não de seu estabelecimento comercial.

Sendo assim não é difícil compreender porque o nome de Joana passou a ser dito acompanhado do adjetivo usado no sentido de sobrenome: “Joana Preta,” como se sua cor da pele fosse um indicativo de suas práticas. Apresentando aqui mais um marcador de “anormalidade”, de “infâmia.” Segundo Ramos, “a cor da pele do negro parece constituir o obstáculo, a anormalidade a sanar. Dir-se-ia que na cultura brasileira o branco é o ideal, a norma, o valor, por excelência” (1954a, p. 191). Joana é então narrada como anormal primeiro, por ser negra e depois por suas práticas da sexualidade. Segundo Foucault, “o indivíduo dito anormal” é construído pelo estado a partir de tudo que pode ser “desviante, (...) no comportamento ou no corpo” (2001, 397). No caso de Joana, vários são os indicadores de sua anormalidade, de seu desvio, “negra”, “mãe solteira”, “prostituta”, “comerciante”, sim, pois na década de 1940, momento pelo qual Joana inicia seu comércio, não era comum a independência financeira para as mulheres.

Perceba como esse estereótipo, construído a partir da anormalidade de forma naturalizada se anuncia na fala do senhor “X”, ao relatar sobre as relações amorosas que

⁹ “X”. Entrevista a autora em 10/02/2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

presenciou no Farol com “Joana Preta.” Ele diz serem públicas, pois as mulheres não tinham ciúmes

qual era a mulher que ia ter ciúme de Joana Preta, sabendo que ela era uma nega veia, ninguém ia atrás dela, e os cabas butano chifres nas muie com ela, ninguém dava por ela, e a nega era descente e limpa, (...) minha fia me pedoe que eu tô na sua presença se for pecado, Jesus tome conta, eu num dava uma nega veia daquela por uma mulher branca, a nega era ferosa e era boa ¹⁰

O senhor “X” fala sobre a percepção que as mulheres, “esposas” tinham de Joana. Segundo senhor “X” as mulheres a subestimavam, não acreditando ser possível que seus maridos tivessem relações amorosas e/ou sexuais com uma mulher negra, com tantos estigmas: mãe solteira, tida por muitos como mulher da vida.

Na linguagem do senhor “X” aparece a comparação entre a mulher negra e a branca, estabelecendo ser Joana supostamente melhor, mas sua comparação está relacionada a questão sexual, portanto “a mulata superexcitada.” (FREYRE, 1936 apud GIACOMINI, 2006, p. 90)

O bom senso popular e a sabedoria folclórica continuam a acreditar na mulata diabólica, superexcitada por natureza [...] Por essa superexcitação, verdadeira ou não, do sexo, a mulata é procurada pelos que desejam colher do amor físico os extremos do gozo, e não apenas o comum.

Tratando-se de uma subjetividade que faz menção a cor de sua pele e que acabou se construindo como um estereótipo para lhe codificar, enquanto mulher negra e como tal marginal. Embora, segundo Rago (1997, p.62), “o discurso da sexualidade [assume importância], na leitura que os brasileiros fazem de suas origens.” A autora se refere a inúmeras obras da Literatura e da Sociologia Brasileira que deram grande ênfase a sexualidade na formação do povo brasileiro. Segundo Rago (1997, p.62), Paulo Prado diz ser o povo brasileiro sensual, como consequência da nudez de índias e da sensualidade das negras. Demonstrando, pois, que desde o início da configuração da identidade nacional já havia “a construção de um campo discursivo que, de ordem biológica, reforça a estigmatização do outro [que acabou por] ser percebido como desvio, monstruosidade, diferença.” (RAGO, 1997, p. 66). Não sendo, pois, especificidade da mulher negra ser

¹⁰ Idem.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

apresentada de forma a representar objeto sexual, porém outros estigmas lhe são associados com maior eficácia.

Mas, mesmo que “ser mulata não tenha nada haver com prostituição” (GIACOMINI, 2006, p. 97), o que se observa é que há uma reatualização da forma como as negras eram vistas e quão eram sempre associadas aos desejos sexuais mais libidinosos, mulheres tidas como alvo de desejo, uma vez que, segundo a própria Joana um de seus relacionamentos acabou porque o sujeito queria casar-se e ela não aceitou continuar os encontros amorosos, embora o indivíduo tivesse demonstrado interesse para que ela continuasse a encontrá-lo mesmo às escondidas, porém a escolhida para o casamento não foi Joana.

Outras subjetividades lhe foram atribuídas, umas na tentativa de provocar-lhes sensação de pertencimento, outras mais fluídas, porém nenhuma tão intensa quanto a de “Joana Preta,” pois ainda hoje é dessa forma que ela é conhecida e reconhecida no Município de Olivedos.

Outra entrevistada traz outra versão: “Mariazinha”, que se considera amiga de Joana diz que ia todo mundo no Farol, “moça, rapaz”¹¹ e só reconhece o estabelecimento enquanto Farol, dizendo que, “tinham raiva dela e dizia que era o “Cabaré” de Joana.”¹² Ou seja, havia uma insatisfação e também um reconhecimento das práticas concernentes ao estabelecimento. Talvez as mulheres não a subestimassem tanto, mas possivelmente não a reconheciam como um perigo para a existência dos casamentos monogâmicos e nucleares cristãos, talvez como um motivo das infidelidades, mas sabiam que seus namorados e/ou maridos sempre voltariam para o lar ou a “mulher direita,” pois de acordo como senhor Geraldo Borges havia, relações amorosas tanto com homens solteiros como com homens casados¹³. Segundo Rago (1991, p. 230), muitos desses homens estavam a procura das “fantasias [que] só poderiam ser compartilhadas por mulheres de posição social inferior, que não evocam as imagens familiares da esposa, irmã ou mãe, e que eram (...) próximas (...) das perversões,” possivelmente essas são possibilidades presentes no imaginário dos homens que freqüentaram o Farol.

¹¹ Mariazinha. Entrevista a autora em 10/02/2015.

¹² Idem.

¹³ Geraldo Borges. Entrevista a autora em 14/08/2009.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Joana me permitiu tecer uma colcha de retalhos sobre suas memórias relacionadas ao Farol, sempre de forma seletiva, incompleta, as vezes contraditória. Contou com sagacidade desde as astúcias para burlar poderes instituídos, aos momentos em que revelava com sorrisos o prazer do que viveu ou com semblante fechado o os dissabores do que não viveu ou dos estigmas que ganhou.

Joana se inscreve com culpa, outras vezes parece ter vergonha do que conta, parece apenas não querer ser ela a publicizar diretamente suas histórias.

Lembrando Foucault (2010, p. 85), “por definição a culpa como ação ruim é indefinidamente repetível; é uma forma de ação possível e a repetitividade da culpa está inscrita ela mesma no funcionamento da lei.” Ou seja, a culpa transita nos espaços e foi institucionalizada, inclusive pensando que está presente no cristianismo, a partir do ato do Batismo, mas se configura desde a criação da humanidade a partir do gênese e da suposta traição do primeiro casal.

Assim, Joana não demarca o momento de início da vida de prostituta, mas marca o fim, “eu saí da vida do mundo e mim confessei com Frei Damião”¹⁴. No discurso de Joana e também de outros entrevistados percebe-se que o estigma de “mal falada” lhe foi dado antes mesmo do Farol, por ser uma mãe solteira e negra. Demarcando mais uma configuração de Joana como infame, portanto, marginalizada, “todas essas vidas [infames] destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder.” (FOUCAULT, 2003, p. 208). A protagonista do Farol acaba se inscrevendo e sendo inscrita num lugar de anormalidade e de infâmia.

Olivedos apresenta uma história de preconceito contra o negro que, historicamente está impregnado pelo etnocentrismo europeu apregoado com a escravidão ocorrida em terras brasileiras. Os rastros da colonização estão presentes no Município através mesmo de sua fundação, uma vez que, o lugar foi fundado dentre controvérsias com a presença de bandeirantes portugueses. Ainda hoje, os cargos públicos mais elevados encontram-se nas

¹⁴ Joana Francelino de Lima. Entrevista a autora em 01/08/2009.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mãos dos brancos e há um bairro chamado de Princesa Izabel que se localiza na periferia do Município onde estão exatamente a maior parte da população que é pobre e negra.

Joana era sim protagonista do Farol e segundo “X” ela não cobrava pelas relações amorosas que tinha ou que outras mulheres tinham no estabelecimento, pois era uma forma de atrair consumidores para a venda de suas bebidas e quitutes e assim lucrar com seu comércio. Questionado sobre haver ou não o pagamento ele responde que “o pagamento que agente tinha lá era que ela agradava muito a gente, aquela fofoca que todos nós tinha lá, nós homem, ela era quem organizava que era prá gente gastar dinheiro pra ela poder sobreviver, viver e vender os trocinhos dela, senão não tinha outro meio para ela.”¹⁵ Ou seja, ele diz que não pagavam pelas relações sexuais, mas gastavam dinheiro comprando e consumindo os produtos vendidos por Joana. O entrevistado ainda fala de uma tocadora que ia para o Farol para animar o espaço, mas que também se envolvia sexualmente com os homens. Ao ser questionado sobre essa tocadora, se ela apenas tocava músicas ele diz “dançava, tocava e oferecia muita coisa,” diz isso em tom de animação insinuando ser essa “muita coisa” relações sexuais. Por questões de preservação do entrevistado e da pesquisa não identificarei nominalmente a tocadora que vou apenas chamar aqui de “tocadora X”. Trata-se de uma mulher que tocava instrumentos musicais, tinha um forró em sua casa e também tocava em outros estabelecimentos como no Farol.

A entrevistada “Mariazinha”, diz ter freqüentado o Farol e com alegria e muitas risadas ao ser questionada sobre o seu conhecimento do estabelecimento ela diz que acontecia “muita coisa boa, muita farra, dança, bebida, comida, tudo tinha lá dentro, (...) era uma farra muito gostosa da casa do Farol de Joana.”¹⁶ Ainda segundo “Mariazinha,” “freqüentei muito minha fia, lá toda mulher freqüentava e toda moça, numa tinha essa história não”¹⁷ ainda de acordo com a entrevistada ia lá para “namorar minha fia”¹⁸ “Mariazinha” ainda fala sobre um namorado com quem se encontrava lá, “as galinhada que nós demo, os abraços, os arrosos, era bom demais”¹⁹ e acrescenta “lá era o ponto que ia todo mundo, (...) se era uma nega que era direita aquela era uma, ela respeitava toda senhora, toda moça e todo senhor.”²⁰ Perceba

¹⁵ “X”. Entrevista a autora em 10/02/2015.

¹⁶ Mariazinha. Entrevista a autora em 10/02/2015.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que o discurso da entrevistada isenta Joana do estigma de “mulher da vida”, apresentando apenas como uma “mulher direita”, embora socialmente ela não fosse assim tratada por todos. Evidente que se resguarda aqui uma posição social de status, a participação nesse espaço não acontecia aos olhos públicos de Olivados, pois a mesma entrevistada vai dizer que seus pais nunca souberam que ela freqüentava o “Cabaré” de Joana, “pai e mãe nunca soube, mãe tinha um ciúme da gente de se cumer, nem sonhar, aí vinha um portador, fulano ta te esperando lá para conversar.”²¹ Assim segundo “Mariazinha,” Joana vinha trazer o recado de que determinado paquera estava no Farol a lhe esperar para conversar e ela dava um jeito de escondido dos pais frequentar o espaço.

Perceba que a entrevistada narra Joana enquanto “mulher direita” artimanha de alguém também para se preservar, porém fala que seus pais nem poderiam sonhar de sua vivência no espaço chamado de “Cabaré de Joana Preta.” Embora socialmente a prostituição e/ou a prostituta eram vistas como fantasmas “A construção da prostituição como um fantasma atingia alguns alvos estratégicos precisos: instituíam as fronteiras simbólicas que não deveriam ser ultrapassadas pelas moças respeitáveis,” (RAGO, 1991, p. 41). Portanto, moças que frequentassem aquele espaço poderiam se tornar infames, sendo necessário se resguardar de tal estereótipo.

Diante da protagonização de Joana no Farol, bem como de sua vivência social como “Joana Preta,” subjetividades lhe foram atribuídas, algumas estereotipadas, outras vezes performáticas, por vezes introjetadas por Joana, outras vezes negadas, essas subjetividades conheceremos melhor num próximo trabalho.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005
- ALBUQUERQUE JÚNIOR. **Os “maus costumes” de Foucault**. In Revista de Pós-Graduação em História. V. 6 Universidade Estadual Paulista. 1998.
- _____. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife. Edições Bagaço. 2008
- _____. **História a arte de inventar o passado: Ensaio de teoria da história**. Bauru SP: Edusc, 2007.

²¹ Idem.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- _____. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: Ligia Bellini, Antônio Luigi Negro e Everton Sales Souza. (Org.). **Tecendo Histórias: Espaço, política e identidade**. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 13-26.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1 artes de fazer**; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozeas, 1994. 10ª ed. Estabelecida e apresentada por Luce Giard.
- _____. **A invenção do cotidiano: 2 Morar, Cozinhar**; Tradução de de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozeas, 2000. 3ª ed. Estabelecida e apresentada por Luce Giard.
- _____. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª Ed . Rio de Janeiro Forense Universitária, 2000.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- _____. **História da Sexualidade I – A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **Outros espaços. In. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2000.
- _____. A vida dos homens infames. In **Estratégia, poder/ saber**. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2003.
- _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes. 1997.
- _____. **Os Anormais**. Curso no College de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. - São Paulo: Martin, Fontes. 2001.
- _____. Conversação com Michel Foucault. In: _____. **Estratégia, podersaber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977, p.203-222.
- GIACOMINI, Sonia Maria. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. In **Estudos feministas**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e ciências humanas, centro de comunicação e expressão. V. 7, n. 1-2 – Florianópolis: UFSC, 2006.
- GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica . Cartografia do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes. 1986.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da Noite: Prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 – 1930**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1991.
- _____. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar, 1890 – 1930**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1985.
- _____. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**.Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2013.
- _____. **Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira**. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura. 1997. nº 7. p. 59-74.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. **“O problema do negro na sociologia brasileira”**. Cadernos do Nosso Tempo, 2. 1954a.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SILVA, Deonísio. **De onde vêm as palavras; origens e curiosidades da língua portuguesa**, São Paulo, A girafa. 2004.